

O hino à Diana de Catulo (poesia 34), a construção de uma divindade

Prof. Me. Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi (UERJ)

Resumo: O Hino como manifestação literária revela não só aspectos estruturais do fazer poético, mas também uma visão mítico-religiosa do universo; dele podemos extrair a visão que tanto os gregos como os romanos faziam de seus deuses e deusas. Cada divindade carrega em si um complexo entrelaçamento de elementos dispares que as coloca sob uma visão teológica muito mais complexa que as religiões monoteístas. No caso aqui estudado temos a figura de Diana que carrega diversos atributos, podendo ser positivos ou negativos, embora o hino tenha por objetivo buscar os favores da deusa caçadora, por isso só apresenta atributos positivos.

Palavras-chave: Hino, Diana, Religiosidade.

The hymn to Diana of Catullus (poetry 34), the construction of a deity

Abstract: The hymn as a literary manifestation reveals not only structural aspects of the poetic making, but also a mythical-religious view of the universe; From him we can extract the vision that both the Greeks and the Romans made of their gods and goddesses. Each deity carries a complex intertwining of triggers elements that places them under a theological vision much more complex than monotheistic religions. In the case studied here we have the figure of Diana that carries several attributes, which may be positive or negative, although the anthem aims to seek the favors of the Slayer goddess, so it only presents positive attributes.

Keywords: Hymn, Diana, religiosity.

1- Introdução:

O hino como gênero literário é fruto de uma demanda social que se atrela às questões de religiosidade e, através dele, encontramos os mitos que se colocam no patamar de herói logoi, isto é, discursos sagrados, que narram as histórias dos heróis e deuses gregos e romanos, Como narrativa servem para explicar e elucidar o papel da divindade invocada. O hino como louvor à divindade serve como um ritual (realizado em coro) para trazer os favores dela para a comunidade que o produziu de acordo com sua necessidade. Servindo com um tom encomiástico, visto que busca ressaltar os dons positivos da divindade, ele nos narra uma parcela dos atributos da divindade. Estas características são ressaltadas enquanto as características negativas da divindade são omitidas. Assim, a leitura de um hino, para ir além da sua explicitude, deve ser permeada de uma leitura que traga a compreensão do total da divindade, pois assim compreende-se a visão mais ampla da forma como o divino é visto pela sociedade além

do valor prático do hino. O dito é explicitado pelo papel de invocação do hino, já o mito extrapola o dito e vai ao não dito do mito.

2- Diana, a Deusa Caçadora e Virgem.

Segundo Junito Brandão (1993), Diana, a deusa da caça, etimologicamente vem de uma derivação do termo *diuius*, etimologicamente significado céu luminoso. Diana é a divindade associada à lua, à virgindade e a proteção das mulheres parturientes. Deusa casta, visto que na narrativa mitológica ela é irmã gêmea de Apolo e, ao ajudar a mãe a tê-lo em Delos, (Brandão, 1997), presenciando o sofrimento da mãe, resolveu dedicar-se a virgindade. Entre o século III e II a.C. houve provavelmente um sincretismo com a Ártemis grega, devido as semelhanças entre as duas divindades. A fusão sincrética se dá pelas semelhanças. Diana é a deusa que, apesar de devotar-se a virgindade protege os nascituros no momento do parto, ela também pode causar a morte das mães e das crianças nascituras com sua flecha certa. A iconografia grega e romana a representa com vestes leves que representam a liberdade de movimento, também porta o arco e a flecha, instrumentos dos caçadores. Por isso ela está associada à vida na floresta e à caça, seu animal representativo é a gazela, símbolo de velocidade e destreza. Há diversas narrativas que relatam uma certa crueldade da deusa para com que desafie sua virgindade como o caçador Acteon que a viu nua e a desejou, foi transformando em um veado e executado pelos cães do mesmo caçador. Mas também coube a Diana o fim do ritual de humanos ao salvar e negar o sacrifício de Ifigênia, filha de Agamemnon. Vemos aqui que há uma dualidade nas características desta divindade.

Diana ou Ártemis está também associada à luz, mas ao contrário de seu irmão, Apolo, que é o Sol, ela é a lua, que segundo os antigos, esta teria três fases, uma fase da lua cheia (denominada Selene), uma fase da lua no quarto-crescente (denominada Hecate) e uma fase da lua negra (quarto-minguante e lua nova) e em cada fase há uma característica, ela é benéfica nas fases da cheia e da quarto-crescente, e maléfica na lua negra. A perspectiva dos antigos associavam a lua à fertilidade das plantas e dos animais. A lua representa o princípio feminino, húmido e aquietante, contrapondo-se ao sol que é quente e repele ao movimento e ao trabalho diurno no campo.

Segundo Ginette Paris (1994) Diana representa um arquétipo feminino bem complexo e assinalado, representa a feminilidade pura e primitiva, que se contrapõe ao arquétipo da mulher esposa, da mulher que se torna socialmente um membro social por meio do homem. Diana é a mulher independente que não se relaciona com nenhuma referência masculina, pelo contrário se contrapõe e se coloca a parte, pois está associada à mata virgem, não tocada por nenhum tipo de cultura (digo cultura humana como elemento de modificação e instrumentalização para a civilização). A virgindade e pureza de Diana se aplica às crianças dos dois gêneros (o Hino de Catulo será composto por um coro de meninos e meninas). A sua virgindade cria santuários ecológicos na antiguidade, territórios não tocados pelos homens e suas “culturas” para preservação sagrada do espaço que é originário e não tocado. Sobre este aspecto Ginette Paris (pág. 151) ressalta que esta Deusa está longe de um proveito reprodutivo, não será tocada pois se for sua fúria irá virar-se contra quem a tentou, podemos associar a questões ambientais

hoje em dia quando há um desequilíbrio pelo fato de uma “cultura” humana modificar o ambiente causando catástrofes ecológicas. Diana é a deusa dos princípios primitivos da existência ecológica, por isso é a deusa que protege os nascituros, o momento do parto que representa a dor pela vida é seu atributo protetor, cabe a ela esta iniciação existencial.

Embora a questão do ascetismo é muito bem mais marcada nas religiões monoteístas (cristianismo e islamismo), há em Diana esta marca do ascetismo voltado para a relação de virgindade feminina, mas não por um viés grupal imposto às mulheres por questões de transcendência, e sim uma postura voluntária de quem não pretende ter vínculo com o outro. Como escolha de Diana, ela abre a possibilidade de uma escolha diversa da imposta pela sociedade patriarcal. Sendo assim é a Deusa “solitária” que se contrapõe às normas sociais, sendo assim ela, com seu típico arquétipo, está se contrapondo à Afrodite deusa do Amor e à Hesita, deusa do lar.

3- O Hino à Diana de Catulo uma análise:

.Carme 34

Dianae sumus in fide (1)

Puellae et pueri integri;

Dianam pueri integri

Puellaeque canamus.

O Latonia, maximi (5)

Magna progênes Iouis,

Quam mater prope Deliam

Deposuit oliuam,

Montium domina ut fores

Siluarumque uirentium (10)

Saluumque reconditorum

Amnisque sonantum,

Tu lucina dolentibus

Iuno dicta puerperis,

Tu potens triuia et notho es (15)

Dicta lumine luna.

Tu cursu, dea, menstruo
Metiens iter anuum
Rustica agricolae bonis
Tecta frugibus explēs (20)
Sis quocumque tibi placet
Sancta nomine, Romulique,
Antique ut solita es, bona
Sospites ope gentem (24)

Tradução de João Angelo Oliva Neto.

Diana dá-nos proteção, (1)
Meninas puras e meninos,
Diana, puros cantaremos,
Meninos e meninas.
Ó Latônia, do imenso Júpiter (5)
Progênie grande e generosa,
Que a mãe em Delos deu à luz
Ao lado da oliveira,
Que de montanhas fosses dona,
E de florestas que verdejam, (10)
De pradarias misteriosas,
Dos rios que ressoam.
Juno Lucina és tu chamada.
Pelas puérperas em dores,
Tu, poderosa Trívia, chamam-te (15)
Lua, a de luz não sua.
Tu, pelo curso de teu mês,
Medindo, deusa, o andar dos anos,
De frutos bons os tetos rústicos

Do camponês completas. (20)
Em qualquer nome que te agrade,
Sejas sagrada e como sempre
Em benefícios sê propícia
Para a nação de Rômulo. (24)

A poesia de Catulo, o Hino à Diana com seus 24 versos cantado em coral por jovens meninos e meninas íntegros, (*integri*), de *integer,-gra,-grum*, adjetivo qualificando com um atributo associado à Deusa, defensora da pureza e da virgindade. Etimologicamente *integer*, vem da junção de *in-* negação, mais a palavra *tangrus*, tocado, isto é não tocado, são os membros do coro que cantam por essa condição de virgindade. Nestes quatro primeiros versos há a apresentação dos componentes do coro e sua abertura como liturgia. Os jovens representam a virgindade da deusa e passam a ser os seus invocadores por proteção.

Dos versos 5 a 20 temos a descrição dos atributos de Diana, enquanto nos primeiros versos os atributos da deusa está nos componentes do coro; Sua filiação é dada entre os versos 5 e 8: *Latonia*, isto é, filha de Latona, mãe dela e de Apolo, nascidos debaixo de uma oliveira na ilha grega de Delos, o local geográfico de nascimento é importante, pois os deuses e deusas gregos ou romanos se manifestam na vida e no espaço do homem. Por sua vez, a figura de Júpiter se faz presente por ser o pai dos deuses e dos homens, não no sentido de criador, mas no sentido de líder que trouxe a ordem contemporânea para o universo, *progênes* é o termo em latim para designar a progenitura, vem do prefixo *pro-* indicador de direção para frente, mais *geniens*, de gerara, procurar, passar a diante a vida; demarcação que estabelece uma direção de continuidade uma relação de procedência também se extrai desta palavra, pois o que vem depois foi fruto do que se havia antes. Na cultura clássica a questão da filiação se faz muito importante, pois, a partir da paternidade, se tora alguém na sociedade clássica (Podemos perceber já em Homero, na forma como os personagens se apresentam, dão seu nome e de seus pais).

Entre os versos 9 e 12 temos outro atributo que se faz muito presente entre os deuses gregos e romanos, os espaços geográficos são atribuídos aos deuses e deusas greco-romanos, como Diana é uma deusa da caça, seu ambiente é o selvagem, as montanhas, as selvas, os bosques e os riachos, isto é as fontes puras das águas. Se trata de santuários consagrados à Diana, ambientes ecologicamente não tocados, tal qual as crianças, reforçando o papel da pureza e da virgindade.

Dos versos 13 a 16 temos a associação da deusa à lua e esta também como produtora e abençoadora que transmite a energia de crescimento vital à semente, também que proporciona o nascimento das crianças. *Lucina*, da luz, especificamente a luz lunar que, segundo os antigos percorre três fases (já dito anteriormente no artigo), daí *trivia*, de três caminhos. Nos versos 17 a 20 o poder da lua se manifesta no ritmo da

natureza noturna da deusa e beneficia a vida dos agricultores: *exples*, de *ex-* preposição que indica proveniência do interior de mais o verbo *pleo*, de encher, saturar, conotando a idéia de fertilidade que traz abundância pelo poder da Lua, geradora de uma energia vital que atinge a interioridade das coisas e as faz expelir para fora com a força e dor do “parto”.

Por fim entre os versos 21 a 24 temos o pedido de proteção coletiva, visto que se trata de um culto cívico, a deusa é conclamada para proteja a gente de Rômulo, isto é, os romanos. A questão do nome mostra que a deusa, assim como muitos deuses e deusas do panteão greco-romano, possui várias denominações de acordo com os atributos invocados, tal como epítetos.

4- Considerações finais:

O Hino de Catulo traz-nos diversas informações sobre a religiosidade romana, como ela é operada e como há um elo entre três grandes manifestações da cultura humana, a arte literária, o mito e a prática religiosa; o hino é a junção das três, a construção do texto literário em forma de hino e a temática mitológica estão unidas. Diana é representada em seus atributos favoráveis, são omitidos os desfavoráveis. Para entender isso na religiosidade greco-romana, temos de nos despir da leitura maniqueísta que as religiões monoteístas nos deram na compreensão e releitura do mundo a partir do cristianismo. Os deuses e as deusas greco-romanos trazem dentro de si uma dupla face, naquilo que eles atuam a favor também podem prejudicar. Diana é a deusa da virgindade, da selvagem *anima*, e que representa um aspecto complexo do ser humano, assim ela serve-nos como um arquétipo que nos possibilita compreender a cultura clássica e nossa alma, mesmo tendo passado por um processo de ressignificação religiosa a partir da monetização no Ocidente.

Nossa disposição a compreender nossa natureza psíquica, histórica, e social leva-nos a ler e reler os mitos da tradição pagã greco-romana, ela nos proporciona a compreensão destas manifestações atemporais, mas que se fazem no *hic et nunc* dos nossos momentos que são tão complexos como a mitologia grega e romana. As relações complexas se tornam construções de arquétipos diversos que se manifestam nas circunstâncias específicas de cada momento da existência humana. Os romanos nos deram essa leitura momentânea do concreto que a vida nos dá, e os gregos nos deram a capacidade da metafísica, na busca de uma compreensão além do momento, do que se faz como elemento arquetípico. Os gregos e os romanos nos completaram com suas características díspares.

- .
- .
- .
- .

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico: mitologia e religião romana*. Petrópolis: editora Vozes, 1993.

_____. *Dicionário mítico-etimológico: mitologia grega*. Petrópolis: editora Vozes, 3ª. ed., 1997.

CATULO. *O livro de Catulo*. Trad. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: edusp, 1996.

ERNOUT & MEILLET. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: éditions Klincksieck, 4ª. ed, 1994.

FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto editora, 1987.

MOISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: editura Cultrix, 2010.

PARIS, Ginette. *Meditações pagãs*. Petrópolis: editora Vozes, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. José Olympio Editora, 2ª. ed., 1999.